

Capítulo Dezanove

Noite de Tristeza

Luz Através das Trevas

Muitas vezes há pranto com a noite, mas temos a promessa que este desaparece quando a manhã vem.

Para aqueles que descobrem a grande verdade do Advento, haverá muitos desapontamentos antes que esse grande dia chegue sobre todos nós.

- **A obra de Deus na terra apresenta, século após século, uma surpreendente semelhança, em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios que regem o trato de Deus para com os homens são sempre os mesmos.** Os movimentos importantes do presente têm o seu paralelo nos do passado, e a experiência da Igreja em épocas antigas fornece lições de grande valor para o nosso tempo.

Nenhuma verdade é mais claramente ensinada na Bíblia do que aquela que Deus, por meio do Seu Santo Espírito, dirige de modo especial os Seus servos sobre a Terra, nos grandes movimentos que promovem o avançamento da obra da salvação. Os homens são instrumentos nas mãos de Deus, por Ele empregados para cumprirem os Seus propósitos de graça e misericórdia. Cada pessoa tem a sua parte a desempenhar. A cada um se concede um grau de luz, adequado às necessidades do seu tempo, e suficiente para capacitá-lo a cumprir a obra que Deus lhe designou. Nenhum homem, contudo, por mais honrado que seja pelo Céu, jamais alcançou o completo conhecimento do grande plano da redenção, ou mesmo uma perfeita avaliação do propósito na obra para o seu próprio tempo. **Os homens não compreendem plenamente o que Deus deseja realizar pela missão que lhes dá a cumprir. Não entendem, em todos os aspectos, a mensagem que proclamam em Seu nome.**

“Porventura alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?” *Jó 11:7.* “Os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os Meus caminhos, diz o Senhor, porque assim como os céus são mais altos do que a Terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos e os Meus pensamentos mais altos do que os

vossos pensamentos.” *Isaías 55:8, 9.* “Eu sou Deus e não há outro Deus, não há outro semelhante a Mim. Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam.” *Isaías 46:9, 10.*

Mesmo os profetas, que foram favorecidos com iluminação especial do Espírito, não compreenderam na sua totalidade a significação das revelações a eles confiadas. O seu sentido deveria ser desvendado de século em século, à medida que o povo de Deus necessitasse das instruções nelas encerradas.

Pedro, escrevendo sobre a salvação, trazida à luz pelo evangelho, diz: “A qual salvação inquiriram e trataram diligentemente os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada, indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir, e a glória que se lhes havia de seguir. Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam.” *1 Pedro 1:10-12.*

No entanto, apesar de não ser dado aos profetas compreender completamente as coisas que lhes eram reveladas, procuraram fervorosamente obter toda a luz que a Deus aprouvera manifestar. “Inquiriram e trataram diligentemente”, “indagando que tempo ou que ocasião de tempo o Espírito de Cristo.” Que lição para o povo de Deus na era cristã, para cujo benefício estas profecias foram dadas aos Seus servos! “Aos quais foi revelado que, não para si mesmos, mas para nós, eles ministravam.” Considerai esses santos homens de Deus, como “nquiriram e trataram diligentemente”, no tocante às revelações que lhes foram dadas para as gerações futuras. **Comparai o seu santo zelo com a descuidada indiferença com que os favorecidos dos últimos séculos tratam este dom do Céu. Que reprimenda àquela indiferença comodista e mundana que se contenta em declarar que as profecias não podem ser compreendidas!**

Se bem que a mente finita dos homens não seja capaz de penetrar nos conselhos do Ser infinito, ou compreender inteiramente a realização dos Seus propósitos, frequentemente é devido a algum erro ou negligência da sua própria parte, que tão confusamente compreendem as mensagens do Céu. **Com frequência, a mente do povo e mesmo dos servos de Deus se acha tão cega pelas opiniões humanas, as tradições e falsos ensinamentos, que apenas estão aptos a aprender, parcialmente, as grandes coisas que Ele revelou na Sua Palavra.** Assim aconteceu com os discípulos de Cristo, mesmo quando o Salvador estava com eles em pessoa.

A sua mente achava-se impregnada da crença popular acerca do Messias como príncipe terreno, que exaltaria Israel ao trono do império universal, e não puderam compreender o significado das Suas palavras predizendo os Seus sofrimentos e morte.

O próprio Cristo enviara-os com a mensagem: **“O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho.”** Marcos 1:15. Aquela mensagem era baseada na profecia de Daniel 9. **O anjo declarou que as sessenta e nove semanas estender-se-iam até “O Messias, o Príncipe” e, com grandes esperanças e antecipado gozo, aguardavam ansiosamente o reino do Messias, em Jerusalém, para governar sobre toda a Terra.**

Pregaram a mensagem que Cristo lhes confiara, conquanto eles próprios mal compreendessem a sua significação. Ao passo que o seu anúncio se baseasse em Daniel 9.25, **não notavam, no versículo seguinte do mesmo capítulo, que o Messias deveria ser morto.** Desde a tenra infância, o seu coração havia-se fixado na antecipada glória de um império terrestre, e isto cegava-lhes igualmente a compreensão das especificações da profecia e das palavras de Cristo.

Cumpriram os seus deveres apresentando à nação judaica o convite de misericórdia e, então, no mesmo tempo em que esperavam ver o Senhor ascender ao trono de Davi, viram-no ser aprisionado como um malfeitor, açoitado, escarnecido, condenado e erguido na cruz do Calvário. Que desespero e angústia afligia o coração dos discípulos durante os dias em que o seu Senhor dormia no túmulo!

Cristo viera no tempo exato e da maneira predita na profecia. O testemunho da Escritura fora cumprido em todos os pormenores do Seu ministério. Pregara a mensagem da salvação, e a “Sua palavra era com autoridade.” **O coração dos Seus ouvintes testemunhara que ela era do Céu. A Palavra e o Espírito de Deus atestavam a missão divina do Seu Filho.**

Os discípulos ainda se apegavam com imperecível afeição ao seu amado Mestre. E, ainda assim, o seu espírito estava envolto em incerteza e dúvida. **Na sua angústia não se lembravam das palavras de Cristo que apontaram o Seu sofrimento e morte.** Se Jesus fosse o verdadeiro Messias, teriam eles assim imergido em luta e decepção? Esta era a pergunta que lhes atormentava a alma enquanto o seu Salvador jazia no sepulcro, durante as desesperadoras horas daquele sábado que intercalou a Sua morte e ressurreição.

Embora a noite de tristeza se avolumasse te-

nebrosa em torno dos seguidores de Jesus, não foram eles, todavia, esquecidos. Diz o profeta: “Se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz... Ele me tirará para a luz e eu verei a Sua justiça.” *Miquéias* 7:8, 9. “Nem ainda as trevas me encobrem de Ti; as trevas e a luz são, para Ti, a mesma coisa.” *Salmos* 139:12. Deus falou: “Aos justos nasce a luz nas trevas.” *Salmos* 112:4. “E guiarei os cegos pelo caminho que nunca conheceram, fá-los-ei caminhar pelas veredas que não conheceram; tornarei as trevas em luz perante eles, e as coisas tortas farei direitas. Estas coisas lhes farei, e nunca os desamparei.” *Isaías* 42:16.

O anúncio que os discípulos haviam feito em nome do Senhor era correto em todos os sentidos, e os eventos para os quais apontava, estavam então a realizar-se. “O tempo está cumprido, o reino de Deus está próximo,” havia sido a sua mensagem. Expirado o tempo — as sessenta e nove semanas de Daniel 9, as quais se deveriam estender até ao Messias, “O Ungido” — Cristo recebera a unção do Espírito após João O haver batizado, no Jordão. E “o reino de Deus,” que eles declararam estar às portas, foi estabelecido pela morte de Cristo. Esse reino não era como eles haviam sido ensinados a crer, um domínio terrestre. Nem era o reino futuro imortal a ser estabelecido quando “o reino, o domínio e a majestade dos reinos debaixo de todo o Céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo, reino eterno, no qual “todos os domínios O servirão e Lhe obedecerão.” *Daniel* 7:27. **A expressão “reino de Deus”, conforme é usada na Bíblia, emprega-se para designar tanto o reino da graça como o da glória.** O da graça é apresentado por Paulo na epístola aos Hebreus. Depois de apontar Cristo, o compassivo Intercessor que pode “compadecer-Se das nossas fraquezas”, diz o apóstolo: “Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça.” *Hebreus* 4:16. O trono da graça representa o reino da graça, pois a existência de um trono implica a existência de um reino. Em muitas das Suas parábolas Cristo usa a expressão: “O reino dos Céus”, para designar a obra da graça divina no coração dos homens.

Assim, o trono da glória representa o reino da glória; e é a esse reino que Se referia o Salvador nas palavras: **“Quando vier o Filho do homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então Se assentará no trono da Sua glória** e todas as nações serão reunidas na Sua presença.” *Mateus* 25:31, 32. Esse reino está ainda no futuro. Não será estabelecido antes do segundo advento de Cristo.

O reino da graça foi instituído imediata-

mente após a queda do homem, quando fora delineado um plano para a redenção da raça culpada. Este reino existiu então no propósito de Deus, pela Sua promessa e, **por meio da fé, os homens podiam tornar-se os seus súbditos. Contudo, não foi efetivamente estabelecido antes da morte de Cristo.** Mesmo depois de entrar para o Seu ministério terrestre, o Salvador, extenuado pela obstinação e ingratidão dos homens, poderia ter retrocedido diante do sacrifício do Calvário. No Getsémani, o cálice da amargura tremia-Lhe na mão. Ele poderia, naquele momento, ter enxugado o suor sanguinolento da fronte e deixado que a raça culpada perecesse na sua iniquidade. Tivesse ele feito isso, e não teria havido redenção para o homem caído. Mas quando o Salvador rendeu a Sua vida no seu último suspiro, clamou: “Está consumado!” Assegurou-se ali o cumprimento do plano da redenção. A promessa da salvação feita no Éden ao casal pecador foi ratificada. Estabeleceu-se então o reino da graça que desde antes existira pela promessa de Deus.

Desta forma, a morte de Cristo — o próprio acontecimento que os discípulos consideraram como a destruição final das suas esperanças — foi o que os garantiu para sempre. Embora lhes trouxesse cruel desapontamento, foi a prova suprema de que a sua crença era correta. O acontecimento que os enchera de pesar e desespero foi o que abriu a todos os filhos de Adão a porta da esperança e no qual se centralizava a vida futura e eterna felicidade de todos os fiéis de Deus, de todas as épocas.

Os desígnios da infinita misericórdia alcançaram o seu cumprimento mesmo por meio do desapontamento dos discípulos. Conquanto os seus corações tivessem sido persuadidos pela graça divina e pelo poder do ensino “dAquele que falou como homem algum jamais falou”, ainda existia, misturado com o ouro puro do amor a Jesus, a liga vil do orgulho humano e das ambições egoístas. Mesmo no cenáculo, aposento da cena pascal, na hora solene em que o Mestre já estava para entrar na sombra do Getsémani, houve “entre eles, discussão sobre qual deles seria o maior.” *Lucas 22:24.* Nada viam senão o trono, a coroa e a glória, quando o que tinham precisamente diante de si era o opróbrio e a agonia do jardim, o tribunal e a cruz do Calvário. Foi o orgulho no coração e a sede de glória terrena que os levou a aferrar-se tão tenazmente ao falso ensino do seu tempo, e a ignorar as palavras do Salvador, que mostravam a verdadeira natureza do Seu reino e renunciavam a Sua agonia e morte. E desses erros resultou a prova, dura

mas necessária, que foi permitida para corrigi-los. Apesar dos discípulos terem compreendido mal o sentido da Sua mensagem, e as suas esperanças terem sido frustradas, haviam contudo pregado a advertência que Deus lhes dera e o Senhor lhes recompensaria a fé e honraria a sua obediência. A eles fora confiada a obra de anunciar a todas as nações o glorioso evangelho do Senhor ressurreto. Foi com a finalidade de prepará-los para essa obra, que se cumpriu a experiência que se lhes afigurou tão amarga.

Após a Sua ressurreição, Jesus apareceu aos Seus discípulos no caminho de Emaús e, “E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras.” *Lucas 24:27.* O coração dos discípulos comoveu-se. Reavivou-se-lhes a fé. Foram “de novo gerados para uma viva esperança”, mesmo antes que Jesus Se lhes desse a conhecer. Era o Seu propósito iluminar-lhes o entendimento e alicerçar a sua fé “na firme palavra profética.” Anelava que, no espírito deles, a verdade aprofundasse as suas sólidas raízes, não simplesmente pelo facto de estar baseada no Seu testemunho pessoal, mas pela evidência inquestionável apresentada pelos símbolos e sombras da lei típica e pelas profecias do Antigo Testamento. **Era necessário aos seguidores de Cristo ter fé inteligente, não apenas em benefício próprio, mas para que pudessem transmitir ao mundo o conhecimento de Cristo** e, como primeiro passo na comunicação desse conhecimento, Jesus conduziu os Seus discípulos para “Moisés e os profetas.” Tal foi o testemunho dado pelo Salvador ressurrecto acerca do valor e importância das Escrituras do Antigo Testamento.

Que mudança se efetuou no coração dos discípulos quando contemplaram mais uma vez o semblante do amado Mestre! *Lucas 24:32.* Em sentido mais completo e perfeito como nunca dantes, haviam “achado Aquele de Quem Moisés escreveu na lei e os profetas.” A incerteza, a angústia e o desespero deram lugar à segurança perfeita e límpida fé. Não é de admirar que, depois da Sua ascensão, estivessem “sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus.” O povo, estando a par somente da morte ignominiosa do Salvador, procurava ver no rosto deles expressões de tristeza, confusão e derrota. Porém, viam ali alegria e triunfo. **Que preparo receberam esses discípulos para a obra que estava diante deles!** Havia passado pela prova mais austera que lhes era possível experimentar e conhecido como a Palavra de Deus se cumprira triunfantemente, no momento em que, segundo a visão humana, tudo se encontrava perdido. Dali

por diante que coisa poderia desanimar-lhes a fé ou esfriar-lhes o entusiasmo do amor? Na mais pungente tristeza possuíam “poderosa consolação” e uma esperança que era como “âncora da alma, segura e firme.” *Hebreus 6:18, 19. Haviam sido testemunhas da sabedoria e poder de Deus e estavam bem certos “de que, nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra coisa”, seria capaz de separá-los do “amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.”* “Em todas estas coisas, porém,” disseram eles, “somos mais que vencedores por meio d’Aquele que nos amou.” *Romanos 8:38, 39 e 37. “A Palavra do Senhor permanece para sempre.” 1 Pedro 1:25. E “quem os condenará? Cristo Jesus é Quem morreu, ou antes, Quem ressuscitou, O Qual está à direita de Deus e também intercede por nós.” Romanos 8:34.*

Diz o Senhor: “O Meu povo nunca mais será envergonhado.” *Joel 2:26. “O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.” Salmos 30:5.* Quando no dia da ressurreição esses discípulos encontraram o Salvador, os seus corações ardiam ao ouvir as Suas palavras; quando olharam para a cabeça, mãos e pés por eles feridos; quando, antes da Sua ascensão, Jesus os levou até às cercanias de Betânia e, erguendo as mãos para os abençoar, lhes ordenou: **“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho”, acrescentando “Eis que estou convosco todos os dias”** (*Marcos 16:15; Mateus 28:20*); quando, no dia de Pentecostes, desceu o Consolador prometido, foi derramado o poder do alto e as almas dos crentes comoveram-se com a presença consciente do Senhor que ascendera ao Céu — então, ainda que o seu caminho tivesse de passar como o de Jesus, através do sacrifício e do martírio, trocariam eles o ministério do evangelho da Sua graça com “a coroa de justiça” a ser recebida na Sua vinda, pela glória de um trono terrestre, esperança do seu primeiro discipulado? Aquele “que é capaz de fazer muito mais abundantemente do que pedimos ou pensamos” concedera-lhes, com a participação dos Seus sofrimentos, a Sua alegria de “trazer muitos filhos à glória”, alegria inefável, “eterno peso de glória”, com que, diz Paulo, “a nossa leve e momentânea tribulação” não deve ser comparada.

A experiência dos discípulos que anunciaram “o evangelho do reino” no primeiro advento de Cristo, teve a sua contrapartida na experiência dos que proclamaram a mensagem do seu segundo advento. Assim como os discípulos saíram a pregar: “O tempo está cumprido, o reino de Deus

está próximo”, também **Miller e os seus companheiros proclamaram que o mais longo e último período profético apresentado na Bíblia estava prestes a terminar, que o juízo estava próximo e que o reino eterno deveria ser inaugurado. A pregação dos discípulos com relação ao tempo tomava por base as setenta semanas de Daniel 9. A mensagem dada por Miller e os seus companheiros anunciava o término dos 2.300 dias de Daniel 8:14, dos quais as setenta semanas fazem parte. Em cada um dos casos, a pregação baseava-se no cumprimento de uma porção diferente do mesmo grande período profético.**

À semelhança dos primeiros discípulos, Guilherme Miller e os seus companheiros não compreenderam plenamente o significado da mensagem que proclamaram. **Erros, de há muito estabelecidos na Igreja, impediram-nos de alcançar uma interpretação correta de um ponto importante da profecia. Por conseguinte, embora tenham proclamado a mensagem que Deus lhes confiara para comunicar ao mundo, devido à errônea compreensão do sentido, sofreram desapontamento.**

Explicando Daniel 8:14, “até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado”, **Miller, como já dissemos, adotou a crença, geralmente aceite, de que a Terra é o santuário, passando a acreditar que a purificação do santuário representava a purificação da Terra pelo fogo, por ocasião da vinda do Senhor.** Quando, pois, descobriu que o término dos 2.300 dias estava definitivamente predito, concluiu que isso revelava o tempo do segundo advento. **O seu erro residia em aceitar a opinião popular a respeito do que constitui o santuário.**

No sistema típico — sombra do sacrifício e sacerdócio de Cristo — **a purificação do santuário era o último serviço executado pelo sumo sacerdote no ciclo anual do seu ministério. Era o ato finalizador da obra da expiação** — uma obra de remoção ou afastamento dos pecados de Israel. Prefigurava a obra final do ministério do nosso Sumo Sacerdote no Céu, pela remoção ou apagamento dos pecados do Seu povo, que se achavam registados nos relatórios celestiais. **Este serviço envolve uma obra de investigação e julgamento. Isto precede imediatamente a vinda de Cristo nas nuvens do Céu com poder e grande glória, pois quando Ele vier todos os casos estarão decididos.** Diz Jesus: “E o Meu galardão está Comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” *Apocalipse 22:12. É esta a obra do julgamento que precede imediatamente o segundo advento e que é anunciada na*

mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14:7 – “Temei a Deus e dai-Lhe glória porque é chegada a hora do Seu juízo.”

- Os que proclamaram essa advertência deram a mensagem correta no devido tempo. Mas, assim como os primitivos discípulos, declararam: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo”, apoiados na profecia de Daniel 9, ao mesmo tempo em que falharam em perceber que a morte do Messias estava predita na mesma passagem bíblica, assim também **Miller e os seus companheiros pregaram a mensagem baseada em Daniel 8:14 e Apocalipse 14:7, sem se darem conta de que havia ainda outras mensagens encerradas em Apocalipse 14, que também deviam ser proclamadas antes do advento do Senhor.** Assim como os discípulos se equivocaram quanto ao reino a ser estabelecido no fim das setenta semanas, também os adventistas se enganaram a respeito do acontecimento que deveria realizar-se no final dos 2.300 dias. Em ambos os casos houve aceitação de erros populares, ou antes, adesão a eles, cegando o espírito à verdade. Ambas as classes cumpriram a vontade de Deus ao anunciar a mensagem que Ele desejava que fosse proclamada e ambas, em virtude da sua própria compreensão errônea da respectiva mensagem, sofreram desapontamento.

No entanto Deus cumpriu o Seu benéfico propósito, permitindo que a advertência do juízo fosse dada precisamente como o foi. **O grande dia estava próximo e, pela providência de Deus, o povo foi provado no tocante a um tempo fixo, a fim de que se lhes revelasse o que estava no coração.** A mensagem destinava-se a provar e purificar a Igreja. **Os homens deveriam ser induzidos a exami-**

nar se as suas afeições estavam postas no mundo ou em Cristo e no Céu. Professavam amar o Salvador; deveriam agora provar esse amor. Estariam os crentes dispostos a renunciar às esperanças e ambições terrenas para saudar com gozo o advento do seu Senhor? A mensagem tinha por objectivo capacitá-los a discernir o seu verdadeiro estado espiritual e foi enviada em misericórdia, a fim de despertá-los para que buscassem o Senhor com arrependimento e humilhação.

O desapontamento, também, embora resultado da própria compreensão errônea da mensagem dos que a apresentavam, deveria reverter para o bem. Provaria o coração dos que haviam professado receber a advertência. Em face do seu desapontamento, renunciariam irrefletidamente à sua experiência, abandonando a sua confiança na Palavra de Deus? Ou procurariam, com humildade e oração, discernir onde haviam falhado em compreender o significado da profecia? Quantos foram movidos pelo temor, por um impulso ou excitação? Quantos eram de coração vacilante e incrédulos? **Multidões professavam amar a vinda do Senhor. Ao serem chamadas a suportar o escárnio e o descrédito do mundo e a prova da tardança e do desapontamento, renunciariam elas a fé?** Por não compreenderem imediatamente o trato de Deus, abandonariam elas as verdades sustentadas pelo mais claro testemunho da Palavra de Deus?

Essa prova revelaria a força daqueles que, com verdadeira fé, haviam obedecido ao que criam ser o ensino da Palavra e do Espírito de Deus. Ensinar-lhes-ia, como somente tal experiência poderia fazê-lo, o perigo de aceitar as teorias e interpretações dos homens, em vez de permitir que a Bíblia seja o seu próprio intérprete. Aos filhos da fé, a perplexidade e a dor resultante do seu erro providenciariam a necessária correção. Seriam induzidos a um estudo mais minucioso da palavra profética; seriam ensinados a examinar mais cuidadosamente o fundamento da sua fé e a rejeitar tudo que, embora amplamente aceite no mundo cristão, não estivesse fundamentado nas Escrituras da verdade.

Para esses crentes, assim como para os primeiros discípulos, o que na hora da prova lhes parecia obscuro ao entendimento, mais tarde foi elucidado. Quando vissem o “fim do Senhor”, saberiam que, a despeito da prova resultante dos seus erros, os Seus propósitos de amor em favor deles estiveram continuamente a cumprir-se. Aprenderiam por uma bendita experiência que Ele é “muito misericordioso e piedoso”; que todos os Seus caminhos “são misericórdia e verdade para aqueles que guardam o Seu concerto e os Seus testemunhos.”

DEUS CUIDA DE NÓS

“O que confia no Senhor será posto em alto retiro.” *Provérbios 29:25*

“Bom é o Senhor para os que esperam por Ele, para a alma que O busca.” *Lamentações 3:25*

“Porque Eu bem sei os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais.” *Jeremias 29:11*